1371

AS COMMENDAS

AS COMMENDAS.

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO

EM CINCO CANTOS

Por ****

Si natura negat, facit indignatio versum.
Juvenal (*sat.* I.)

LISBOA

1849.

Difficile est satyram non scribere. Nam quis....
Tam patiens... tam ferreus, ut teneat se...?
Juvenal (*sat.* 1.)

AOS

NEGOCIANTES-HONRADOS

DA

Praça do Porto

OFFERECE

O Author.

PROLOGO.

Não foi o desejo de *nomeada*, nem tão pouco a esperança de bom acolhimento publico, que me levou a escrever este pequeno poema = *As Commendas* =; mas sim a vontade de querer zurzir os homens máus — a escoria da sociedade, — que ralando-me as fibras d'alma me fez desabar com elle no meio do cahos da imprensa. Sinto não ter podido hombrear as minhas esperanças; mesmo porque tal como do crysol da minha nuca correu aos bicos da penna = Ei-lo ahi =

PROLOGO.

AS COMMENDAS.

CANTO PRIMEIRO.

Ah! se as marmoreas campas levantando,
Sahissem dos sepulchros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os antigos
Luzitanos Varões; que com a penna,
Ou c' a espada, e lança, a Patria ornaram;
. . . . . .
Segunda vez de pejo morreriam!

HYSSOPE.

As LONGAS filas de guerreiras hostes,
Qu'inda ha pouco, da vida escarnecendo,
O berço lusitano defendiam
D'esses barbaros vandalos, covardes,
Que, quaes napolitanos, anhelavam
A cidade invencibil dar ás chammas,

Das crianças as vidas esmagando,
Os velhos enterrando nas ruinas
Dos templos do Senhor, cantar não posso!

A guerra canto, canto as desavenças,
Que a grave Associação teve em seu gremio,
Na partilha (a dinheiro) das commendas,
Que comilão ministro lhe vendèra!

O teu favor, o' muza grasnadora,
Aqui primeiro rogo, p'ra que possa
Um brado levantar de fama digno;
Padrão soberbo nos futuros évos!
Tu na lyra de ferro, ferreas cordas
Dispoem com segurança, e nos meus dedos
Ferrenhas unhas, com que as fira, encrava:
Negrento bafo pela boca inpura
Sobre meus versos dadivosa expelle: —
O Porto pasme, pasme o céu, e a terra
Ao ter noticia da questão, que narro.

Já vezes duas tinha a terra em giro
Calcado vagarosa o seu caminho
Em torno ao sol ardente, dês que o Porto,

Ao brado da Nação, tomou por chefe
Do popular partido a José Passos,
Heroe valente, a quem lugar sublime
No throno dos heroes conserva a historia;
Quando sentado Van-Zeller á mesa
Com chá e doces regalando a pança,
Chorava a campainha da cancella
Pela mão do carteiro fustigada,
Que co'a força arrancou negro barbante,
Que longas noites em palestra amiga,
Já d'ha muito, passava com a porta.
« Vão vêr quem bate com asp'réza tanta,
E a taes deshoras; o' José, o' Lago »
Saltando na cadeira assim exclama
O bom do Van-Zeller, que a sós comsigo
Sentira dar-lhe o medo um couce n-alma.

« Bons dias senhor amo — era o carteiro »
Lhe diz, entrando a furto um dos criados.
« O carteiro tão cedo? — quantas horas
De S. Francisco a torre deu agora? »
« Onze e meia » lhe torna o prompto servo —

E n-isto um outro de libré vestido

Com grave passo pela sala avança,
Em bandeja de prata a apresentar-lhe
As cartas recebidas: — fôfo entre ellas
Sebento cartapácio se reclina,
Que as sujas mezas dos ministros limpos
Surrára longos dias, esperando
Alçada sobre si vèr a chancella;
Traz na dobra de lacre côr de vinho
(Por ser do vinho a côr, a côr mais grata,)
Cataplasma espaçosa, onde estampadas
Do *invicto* duque as armas se divisam,
Similhando no bôjo a ferradura
Do seu bravo ginete de batalha.
A'quella arrebatado a mão direita
Atira, e n'algibeira com a outra
Procura os verdes oculos — tem medo,
Que nos olhos lhe cause algum estrago
Vèr sem elles a carta empavezada;
Porem ái infelíz! não os encontra,
Levanta-se, procura, corre a sala,
Chama todos os servos, té as áias
Dos mimosos filhinhos s'atrapalham
A vèr, a procurar nos açafates
Da costura as lunetas de seu amo.

Em fim servo fiel os acha, em busca,
Da latrina no vaõ emporcalhados,
Assim mesmo na penca sobrepostos
Começa a descascar a branca folha
Do francez papelucho luzidio.
Nota, oh pasmo! que pende em larga fita,
Da côr do ceu em tarde magestosa,
Largo sello real em regias formas,
Da mão calloza do ministro fero
Embutidas a custo sobre o lacre.

Aqui, o' muza, pela mente froixa
Os teus mimos m'entorna a largos jorros,
As visões conta, — conta-me as caretas,
Que atarantado fez lendo o decreto.
Apenas lido em meio sente os ossos
Pelo corpo tremer-lhe, contra as carnes
Vaidozos aggredirem, denodados,
Querendo a cargo seu ter o conselho;
E a alma da contenda espavorida
Da nuca lhe fugiu, e foi metter-se
No largo vaso sotoposto ao leito.
Acaba em fim de lêr, balbuciando
Os nomes dos illustres assignados:

Tres vezes pela testa a mão esfrega,
E tres vezes na meza o papel pouza
Julgando ser visão quanto se passa;
Até que do lethargo, em que jazia,
O acorda o som maligno da risada,
Que lá do canto a propria alma solta,
Apontando-lhe a bolsa já nos rises,
E os filhos de quem ter cuidado deve:
Mas nada o move, a tudo o mais é surdo,
Que não seja na historia por pedante
Ter seu nome estampado em fuscas letras;
Embora n'algibeira do ministro
O suado dinheiro vá vazar-se!

Descançando um momento da fadiga,
Que a noticia *no todo* lhe causára,
Despacha promptamente um fiel servo,
(De quem faz muitas vezes confidente)
O Mozer a avisar, o joven Castro,
O galego Casaes, de Massarellos
O felpudo barão, qu' inda ha bem pouco
Do caricato as honras merecêra;
Não lh' esquece Azevedo, Amorim Braga,
Aguiar, Santos Silva, e todo o resto

Dos *honrados-sapientes* directores.

Em quanto o moço corre apressurado
A vestir a libré, e a cumprir préstes
As ordens de seu amo, este no quarto
Qual preso pela brida á manjadóira
Cavallo rebellão s'estafa, e fere
Co'a gasta ferradura o chão, que pisa,
E das ventas fumando ergue as orelhas
Por se não vêr no campo da pastagem
Correndo, e couceando ir traz das égoas;
Tal elle pela mente lhe esvoaçam
Mil ideas confusas, mil bellezas,
Que o séu novo logar na sociedade
Lhe mostra no futuro, lh' offerece.

Assim pensando o *triste*, assim revendo
Na vasta cachimonja as vastas formas,
Atrapalhados de chegar começam
Os *sabios* director's, que do convite
Ser — gratis — as commendas entenderam.
Todo risonho o Van-Zeller já 'stava
Na poltrona sentado, saboreando
Os largos cumprimentos, que soltava

Ao novo conselheiro (inda de fresco)
A convival caterva, qual o gato
Que descuidosa velha, na cosinha
Engulindo orações, não presentira,
Que levava arrastado pelas guelras
Na cabeça de ruivo a cêa ao amo;
Senão quando ao fugir fizera bulha
Ao chão cahindo o prato em tres bocados;
Então dando ao diabo o que fazia,
Da negrenta bassoira erguido o cabo
Atraz lhe corre, por tirar-lhe a prêsa;
Mas elle, que a trapeira achára aberta,
No telhado em socego a saborea.
Instigados todos a sentar-se em roda
Da *redondante* meza, assim começa
Em termos de conselho — o conselheiro:

« Agora mesmo, egregios directores,
Pelo correio carta honrosa tive
Do *invicto* duque, em que necessitado
Se lastíma e a *dinheiro* nos off'rece
Para n'Associação pôrmos em praça,
Vendendo a quem mais der, quatro commendas;
E a mim por um diploma me convida

De *douto* conselheiro a ter o nome. »
E n-isto á conselheira escarra, e pede
Depois a opinião a um por todos.
Altercam, parafuzam, questionam,
Acalorados, férvidos, renhidos,
Até que em fim concordes, se levanta
Um, que de todos o dictame expende
Em voz rouquenha; mas em frase pura:

« *Insigne* conselheiro honra vos seja
Em floccos espalhada ás plantas duras,
Por de tal modo ter levado as coisas,
Que como presidente vos mandassem
A carta de conselho, e as quatro cruzes
Commendatarias, (que ao principio crêmos
Viessem *gratis* para ser á sorte
Entre nós divididas, compensando
O dinheiro mandado para Avintes,
Quando a ponte de pau alli fizeram —
Unica gloria do ministro duque!)
Para em leilão vendidas ser na praça
A quem mais alto preço der por ellas.
Agora a opinião, que nos parece
Melhormente alcançar o fim proposto,

E' que vós mui de prompto (pois não deve
Um momento perder-se em tal negocio)
Em escusa sessão, a que vós mesmo
Fareis, como é dever, de presidente,
Reunir façaes aqui alguns dos socios
Mais *honrados* na vida, e no grangeio
Para deliberarem, com nós outros,
A quem vender se devem: convidados
Por carta vossa sem demora sejam
O Aguiar brazileiro, de Ferreira
O visconde, e o barão d'Alpendurada,
Dos *asnos* o barão, barão d'Ancede,
Antonio Alves, Luiz da Silva, e outros,
Que vos lembrar depois — tal é a nossa
Opinião sincera, clara e franca. »

Disse, e sentou-se olhando para todos,
Que as orelhas batendo davam mostras
De contentes estar com a resposta:
O Van-Zeller tambem approva, e manda
Desde logo chamar seu secretario,
Para as cartas fazer mesmo diante
D'aquelles, que a lembrança suggeriram.

Estando assim occorre-lhe uma ideia,
Inda que má comtudo para os outros,
Lá para elle feliz em grau subido:
Se aqui se juntam todos, necessario
(Fallando c'os botões assim dizia,)
E' dar-lhes um jantar; gasto dinheiro,
Que me póde chegar para ao ministro
Pagar de conselheiro a regia carta:
Nada, nada, não devo, vou fallar-lhes
Em tom imperativo p'ra mudarem,
Allegando razões improvisadas,
Cá de caza a sessão. Em voz sonora,
A cabeça elevando, e as sobrancelhas
Franzindo com desdem, assim lhes falla:

« Meus illustres amigos melhor era
Que d'Associação na sala juntos
Fossemos nós manhã: em minha casa
Não ha lugar bastante para todos,
Alem disto meus filhos não queria
Acordassem mais cedo, e começassem
A vir importunar nossos trabalhos;
Alli a sala é larga, e muito clara,
Temos fogão com lume, tres criados,

Cadeiras, e papel, pennas, e tinta:
Nada mais é precizo — opto por ella — ».

Desappontados co'a lembrança ficam —
Oh miserias humanas! — os basbaques,
E offegando callados se contemplam.
Só um, que de figura agarranada,
Mais parece jumento pardo, e crespo
De levar sobre as ancas triste velha
A banhos, ou em dia de romagem
Negro marujo a vizitar a festa,
Que nas ventas outr'ora grosso escarro
Mamou na praça d'um francez, d'um biltre,
Que sempre vil, infame, mau, e burro,
Em tudo mete as ventas, e'um sorrizo
Lhe volve « mas tem porta, que patente
A todo o associado, que nos paga,
Deve ser todo o dia »
« Oh! senhor Mozer
(Lhe torna o Van-Zeller) mas que tem isso?
E' caso urgente, e póde então fechar-se. »

Eis n-isto o secretario chega, e toma
Logar na secretária.

« Agora rogo
Ao meu caro barão tenha a bondade
(Começa o Van-Zeller) d'ir-lhe dictando
O que deve escrever: tenho a cabeça
Com esta inesperada carta regia
De tal modo perdida, que me julgo
Incapaz de fazer uma sò coisa,
Que vèr se possa: foi o gaudio tanto
De me vèr conselheiro, qu'inda agora
Um sonho me parece, o que se passa. »

« Pois não! meu bom amigo (lhe responde
O galhardo barão) queira mandar-me,
Em quanto ao meu alcance julgar possa;
Só momentos desejo, em que lhe mostre
A affeição, que lhe tenho, e quanto devo,
A quem tanto me présa, e a quem espero
Inda um dia poder como collega
A meu lado gosar. Oh! se tal voto
A cumprir-se vier, então meu nome
Com assombro será per toda a Europa
Acatado com vénia, com... » e n'isto
Tal murro estala sobre a larga meza,
Que faz pasmar o tècto, e da parede

Co'a gaiola o canario vir a terra.
« Perdão, perdão, meu caro, arrebatei-me.
Ai triste passarinho que soffreste
Talvez a morte: » e corcovando o corpo
Toma a gaiola, que mostrava aberto
Logar per onde em vôos s'escapule
O sonoro cantor trinando alegre
A' LIBERDADE um canto harmonioso.
« Fugiu » foi voz geral: — n-este momento
Per um quebrado vidro da janella
Passava o passarinho, que voando,
E revoando por fugir das unhas
Dos directores tinha na cabeça
Do Mozer com o medo despejado
As fezes do sustento; como ha pouco
O macaco do Wilby lhe fizera
Conhecendo ter n-elle um conterraneo.

Seguiu-se á matinada breve pausa,
Que o barão aproveita, e principia
N'uma fôfa poltrona recostado
A dictar os avisos, que correndo
O secretario no papel ordena;
« Agora lacre, e mande aos seus destinos »

« Sim senhor » com profunda reverencia
Lhe responde o escriptor « Vou já faze-lo. »

Ensoado o barão com a tarefa
D'algibeira o lencinho desenterra,
Limpa a testa, e o nariz, pucha os collares,
E que tudo está prompto faz saber-lhes.

« Agradeço o cuidado meus amigos,
Espero, que nenhum manhã s'escuse
De parte na contenda tomar rijo »
Lhes diz o Van-Zeller e alonga a palma
Da mão direita p'ra fazer — *shack-hands* —
Nas ventas pespegando-lhes — *good-morning*.

AS COMMENDAS.

CANTO SEGUNDO.

JÁ, rebuçada na negrenta capa,
Do vasto ceu pendia a negra noite
Sobre a cidade, quando os convidados
No largo da Ribeira inda altercavam
A'cerca do jantar, e das commendas:

O rouco som do corno, que vibrava
Dos lampeões o guarda vigilante
Ao longe — na Biquinha — emfim tirá-los
Do rábido certame a tempo veio.
Uns correm para caza, outros caminham,
Palpando as algibeiras, á spelunca
A largar, ou ganhar algum dinheiro;
E o resto mais sensato a lento passo
Ao botequim se marcha do Pepino.

Alli sobre uma meza, onde licores,
Café, genebra, chá, ponche e cigarros
Em vasos differentes contradançam,
Tomam logar os tristes, e começam
A questão a tratar diffuzamente.

Um diz; que deve ter o Santos Silva
Uma commenda, o outro lembra o Castro,
Que pouco importa não ter pago ainda
A primeira, nem mesmo a ter mostrado!
« O Lobo não precisa, diz um outro,
Nem mesmo o Souza do piloto filho; »
« Mas talvez o Vicente da Taurina
Um terceiro replica « tenha agora

Desejos d'haver uma: — e devem dar-lha. »

« Amigos », alfim brada lá do canto
O Mozer, que calado ouvíra os outros,
Em quanto o pônche ao ventre recolhia,
« Não deve ser assim, é necessario,
Que sejam dadas, a quem fez serviços;
A quem tiver dinheiro p'ra pagá-las,
Ou queira *empresta-dar* agora ao duque
Uns dois contos de reis metal sonante,
Já se sabe, que notas não quer elle,
Nem papeis, nem descontos — quer moéda —
Que som extraia sobre a *mão-de-ferro*;
Por isso julgo, que o melhor é dá-las
Aos que vou apontar com rijas provas. »

« O primeiro logar por força deve
Caber ao brazileiro pontiagudo,
De barbas pardas de cabrão já velho,
Do estupido Aguiar perna forçada,
O vaidoso e boçal Placido burro;
E' rico, é renegado, e tem na testa
Compridos cornos em que póde atá-la! »

« Em segundo o Casaes tem cabimento,
(Conforme me parece), é muito esperto,
Não tem muito dinheiro; mas bem póde
Fazer, como lhe fez o José Perry
Para pagar a carta da commenda:
Alem d'isto é gallego, e nós devemos
Ajudar a quem veio libertar-nos
Da sombra, em que envolvidos nove mezes
Nos teve, por ladrões, o José Passos. »

« Da terceira parece-me opportuno
Devermos dar a posse a Amorim Braga;
E' ladrão mui sagaz, tem linda cara,
Comprou na Bandeirinha uma choupana,
Que fez dentro de pouco um palacete;
Pedreiros, carpinteiros, trolha, e mestre
Da nova Praça fez seus jornaleiros,
Sem pagar-lhe um ceitil! vamos ao resto » —

« Da quarta nada digo; e n'isto tira
D'algibeira o lencinho côr de leite
Trascalando perfumes; pois eu julgo
Dever tocar-me (bem n-o sabem todos.) »

Apenas acabou geral risada,
Que o botequim atrôa, vai quebrar-se
De Gaya no castello esboroado
Fazendo de temor tremer o rio.
Acorda o regedor, salta da cama
Revolução julgando haver no bairro,
Chega á janella... escuta... chama á pressa,
Sabendo do barulho, quatro cabos
Da segurança defensores firmes:
Munidos todos de cacete correm
A caza do Pepino... entram... perguntam
A causa do motim? são-lhe apontados
Do botequim ao canto os miseraveis
Já bebedos de todo: então crescendo
Nos alguazìs a furia saltam n-elles,
E a murro secco, e pontapé bravío
Os poem na rua despejando a loja.

O' muza, vira o leme, amaina a vella,
Que podre calma pelo mar da nuca
A passo vagaroso s'encaminha;
Na coberta entrementes vem sentar-te
A contar-me o que sabes d'essas cartas,
Que o Van-Zeller mandou aos seus amigos.

Apenas soltos do portão os servos
(Começa a muza assim) um s'endireita
A pannos largos á morada immunda
Da amiga do barão de Massarellos,
Negra rascôa que já teve em caza,
A gozar seus encantos toda a noite.
Um outro do barão d'Alpendurada
A caza busca, do barão que póde,
Lascivo como um burro, ou como um frade,
Roubar a somno solto, em quanto ás ordens
Tiver (como ora tem) mil caceteiros;
A quem do cófre da civil receita
Em profusão pasmosa as mãos cumúla,
De dinheiro roubado ao municipio.
D'ali correndo vai quasi estafado
A casa do visconde de Ferreira,
Principe de Molembo e da banana;
Estupido animal, tão fero e duro
Como o dinheiro que roubou lá fóra,
A consorte vendendo e o tenro filho,
P'ra vir metter nas mãos d'esse ministro,
Que á Patria o nobre solo tem regado
De sangue, que inda fuma!... rasga o peito
Lembrar o nome horrendo de tal féra,

D'esse tigre feroz auri-sedento
Costa Ca... treme a penna... *bral* carrasco!

Aqui suspiro férvido soltando
Co'a lembrança da Patria envilecida,
A muza pára um pouco... e depois segue...
Em socego o terceiro s'encaminha
Ao antro do barão, do caloteiro
Costa Carvalho, mais que os outros burro,
Ladrão, contrabandista, e cara d'asno;
(E' dos *asnos* barão, isto lhe basta!)
A' porta bate, e logo lhe responde
Com dois rinchos sonoros a parenta
Do barão, qu' inda então na manjadoira
Pilhava aqui e alli o grão de milho:
Abre-lhe a porta um moço, que de dia
N'alfandega trabalha, e junto á noite
(Depois de ter jantado cá por fóra
A' sua custa) em tabernal cosinha
A casa p'ra serví-lo se recolhe.

Agora per miúdo vou contar-te,
(Me diz a muza suffocando o riso,)
O quanto aconteceu dentro da casa

D'este fatuo barão, em quanto o moço
Vai correndo entregar uma outra carta
Ao filho d'um jumento de Vallongo
Governador do Porto — o Vasconcellos.

Em mangas de camisa, sem colete
Deitado no sofá roncava a besta,
Pelas ventas os túrbidos vapores
Do vinho, que vazára no bandulho,
Lançando em fumaradas negrejantes,
Qual enorme alambique de cem pipas
No Douro destillando, quando o moço
Na sala s'introduz a dar-lhe a carta...
Caminha, faz barulho, chega junto,
Sacode, bate, chama, berra, e quebra
Do miserabil temulento burro
As ventas com dois murros — nada o move! —
Repete a dóze redobrando o impulso;
Mas inda desta vez immobil fica:
Então desesperado o triste servo
De poder acordá-lo, vai-se a elle,
E empurra-o do sofá com toda a força...
Vacilla, e cai no chão o rude corpo
Em golfadas vazando as negras fezes,

Que o soálho percorrem largamente,
Ficando como um mappa colorido
Toda a extensão da sala: principia
Já liberto do pezo a remecher-se
Nas borras da vinhaça o bruto immenso;
Levanta meio corpo; mas de novo
Esbarra com as ventas no sobrado.
  Então julgando que as bochechas fôfas
Lhe haviam rebentado, o marióla
De compaixão transido, alonga os braços
Com que o levanta, e senta na cadeira.
As palpebras içando pouco e pouco,
A carta toma nos trementes dedos,
E soletra dois nomes: não podia
A leitura fazer: a bebedeira
De posse dos sentidos inda estava!
Corre a mão pelas faces, e de novo
Lança as vistas á carta, e per acaso
N-assignatura vão firmar-se os olhos:
Um pulo na cadeira a grande móle
Pespega sem querer, vendo assignado
O *conselheiro Van-Zeller!* pasmoso
Foi em verdade contra a borracheira
A vista de tal nome — conselheiro.

Já vê, já sente o *veneravel* quanto
A questão, que relata a parda folha,
Devia ser renhida, não lhe occorre
A' nuca todavia, qual a causa
Porque fôra erigido ao grau altivo,
Qu'elle já d'annos gosa, esse pedante
Arnaldo Van-Zeller cara de bode;
Não lhe lembra tambem o como deve
Apresentar-se ante o congresso *illustre*
De *sabios* director's ricos, e d'*honra*
Elle tão burro, tão boçal, tão porco
No fallar como um lorpa, o maior lorpa
Dos gallegos que vem á nossa terra!

Assim na mente romba meditando
Uma idêa feliz lhe mija n-alma
Esta lembrança, que elle ordena logo —
« Vai n'um salto chamar (em sons tremido
Effeito das *cardinas* se dirige
Ao pobre do criado) alli acima
A' assemblea o senhor José Ribeiro;
Se já tiver sahido corre léstes,
Rua d'Almada abaixo, á Praça Nova,
Talvez em algum canto alli mettido

O possas encontrar: senão a casa
D'elle n'um pulo vôa — sem demora —
E que o estou esperando já, já... diz-lhe: »

Fallou, e n'um momento a porta sente
Doces beijos, que os quicios se mutúam
Do servo na sahida: fica em tanto
Na espaçosa cadeira o basulaque,
Que d'um padreca o notho ser se jacta. (*)
Murmurando palavras, não pensando,
Que a tanto lhe não chega a estupida alma;
(Se póde crer-se que n-um tal jumento
Alma exista qualquer!) até que bate
Do grau co' a bateria á larga porta
O velho *Zé das graças.*

« Entre » diz-lhe
Dos *asnos* o barão. Entra na sala,
E sentado começa na cadeira
A ler a carta, que o barão lhe entrega,
Apontando-lhe a causa, que o forçára
A mandá-lo chamar assim á pressa.

« Bem sabes, (diz-lhe) que não tenho eu força
Para fallar jámais em qualquer causa,

Principalmente quando assim se trata
D'uma questão de monta, e tão renhida,
Qual deve ser manhã essa da venda
Das commendas: em *loge* este meu corpo
De malhete na mão impõe respeito;
Mas assim n-uma sala nunca pude
Duas palavras só dizer com arte:
— Sou besta e muito besta, bem n-o sabes. »

« Já d'ha muito (lhe volve o *Zé das graças*);
Porem em crise tal não sei que faça,
Deves ir para lá, não dizer nada,
Como fizeste quando deputado;
Deixar roncar os mais, e sempre firme
A quanto se disser, approvar tudo.
Este é meu parecer; mas se tu queres
Ficar em casa, o teu logar um outro,
Talvez melhor que tu encher podesse? »

« Talvez? talvez melhor. E n-esse caso
Quem julgas tu capaz de limpamente
Por mim fallar perante directores
Tão *sabios*, tão *expertos*, tão *conspicuos*? »

« O Manoel Barreira (torna prompto
O *Zé das graças*), e eu me incumbo mesmo
De faze-lo passar ante essa gente
Pela tua pessoa em tudo e tudo;
Ordena, que quanto antes vão chamá-lo
Para vir-te fallar, e ao outro moço
Manda apromptar o casacal vestido,
Ao lado o teu *crachá* não esquecendo. »

« Mas temos uma coisa, elle é careca »
(Lhe replica o barão)
« Isso compõe-se:
De teu pai no chinó, que resguardado
Da traça tens ao fumo na cosinha,
A cabeça do pobre encaicharemos. »

Fallou, e pouco tempo era passado,
Tal era a pressa, que levára o moço
(Temendo ser expulso no outro dia
D'alfandega,) que a sala já entrava
O *sacristão* dos vinhos — o Barreira. —
Levanta-se da meza o *Zé das graças*
Para fazer o seu antigo officio
De *mestre de cer'monias*, e começa

A despir, e vestir o pobre velho,
Que boqui-aberto os olha, não sabendo
O que o seu director, que tudo via,
Lhe quizesse fazer: vestida a roupa,
Do conselheiro os gestos, as momices
Lh'ensina, e lh'encasqueta na cachóla:
« Endireita a cabeça (lhe dizia),
Agora estende o braço, alonga a pança,
Como q'rendo fallar sem dizer nada:
Muito bem, muito bem, agora horrivel
Solta no chão a bestial patada,
Como quando nosso amo s'enraivece;
Melhor, inda melhor, com mais dureza:
Muito bem, muito bem, vamos abaixo,
Eu quero na cocheira dar-te luzes
D'equitação; eu mesmo quero ver-te
Sobre a égoa decrepita montado,
E larga vénia c'o chapeo felpudo
Ensinar-te a fazer: » disse e n-um pulo
Na cocheira espaçosa s'introduzem
Barão, barão fingido, e *Zé das graças.*

. . . . . .

Alli tres longas horas s'occuparam
Do Barreira a tarefa a pôr no cabo:

Horas que o tempo n-ampulheta negra
Co'a descarnada mão volveu ronceiras;
Porem graças aos tres no fim da noite
Era o barão fingido um barão proprio!

Já nos campos celestes a surrir-se
Brandas nuvens de prata s'entretinham
A jogar com o sol a *cabra céga.*
O mar durante a noite adormecido
Nos molles braços de curvadas penhas
Já froixo começava a esperguiçar-se,
Mandando de seu seio a fulva arêa
Um beijo amollecer, onde o pé leve
As mimosas banhistas do meu Porto
Poizassem ao entrar nos seus dominios.
Já bem perto na torre da Trindade
Algazarra infernal pobres pedreiros
Soltavam por trahir o somno aos olhos,
A' torre içando os afinados sinos;
Quando a porta s'abriu, e pója fora
Com somno de cahir o *Zé das graças*,
Que víra a prôa a casa sem detença,
Deixando já montado, qual Quixote,
O triste do Barreira p'ra partir-se

Ao seu destino, quando nove murros
Nas ventas désse ao sino éneo badálo.

(*) *Notho* — filho illegitimo; mas de quem todavia se conhece o Pai. Veja-se a nota de *Carolus Ruæus* no 7.º livro da Eneida de Virgilio onde diz: *nothi* dicuntur.. non legitimi, quorum tamen notus est pater; quorum enim ignotus est, ii dicuntur *spurii*.

ÀS COMMENDAS.

CANTO TERCEIRO.

Ou! se vós da tribuna athenienſe
Brilhantes astros de fulgor eterno,
Ou vós, da franca bocca desprendendo
Sentenças em torrente caudalosa,
Illustrados romanos, re-juntasseis
O pò esparso pelas longas éras,

E de novo quizesseis com pé firme
Da tribuna calcar os degraus negros;
Bem terieis de vir com dubio passo
Pedir ensino de dicção facunda,
De vozes elegantes, d'adèmanes,
De frazes campanudas, persuasivas
Aos grandes oradores, que brigaram
Com razões de taberna n'este dia,
Palmo a palmo o terreno disputando
Da venda das commendas no combate.

A compasso na Sé negro sineiro
Ao sino d'encontrão rijo badalo
Vezes nove mandára, e retomára,
Quando juntos na sala em densa turma
Entraram de roldão os directores
Pelos seus convidados precedidos;
O velho Van-Zeller per entre todos
Co'a magra e curva penca abre caminho
Para a larga cadeira, onde se poiza:
Pelos bancos os mais a pouco e pouco
Aninhando-se vão sem preferencia.

« Adrião feche a porta e traga a chave »

Assim o Van-Zeller ordena logo,
« E do Valle o logar tome o Barboza. »

Após um breve instante a campainha
A gentalha infernal chamou á ordem:
Então com voz de flauta, escancarando
A bocca enorme, o Van-Zeller começa;
« Meus illustres amigos, é preciso
Com ordem discutir o que tratarmos;
Já todos sabem a razão que tive
P'ra faze-los juntar, agora rogo
A quem quizer fallar, peça a palavra. »

« A palavra requeiro prezidente: »
Sobre enormes tacões indireitando
O corpo de macaco, o Mozer grita;
« Primeiro que a nenhum a mim pertence
Por estrangeiro ser, e ser ladino
O fallar da questão: voto que juntos
Em listas separadas nossos nomes
Na urna s'introduzam, e se tirem
D'alli á sorte por boçal menino,
(Depois de bem mechidas) quatro d'ellas,
E d'essas quatro os nomes lidos alto.

Façam saber aos mais, a quem pertencem.
Este é meu parecer, e julgo todos,
Sem mais detença, n-isto estão concordes. »

« Não senhor, não senhor » — ao mesmo tempo
Tres vozes differentes retumbaram
Pelo vasto salão — « peço á palavra. ».

« Ordem, senhores, ordem » não me agrada,
Que, como regateiras, todos juntos
Queiram ter a palavra — é inpossibil. »
Lhes diz o prezidente » senhor Lima
Tem a palavra p'ra fallar querendo. »

Com vista perspicaz volvendo os olhos
Sobre os bancos do lado principia
A ruiva nuca a pentear c'os dedos
Em forma d'angulo o Gaspar de Lima,
Linhas rectas achando nos cabellos:
« Naõ posso concordar em nada d'isso,
Que o senhor Mozer disse, a questaõ deve
Ser tratada de modo, que as commendas
A quem mais der pertençam; nunca áquelle
Que a sorte bafejar, sem ter dinheiro. »

« Apoiado, apoiado, » berram todos!

« Por tanto julgo, qu'uma a uma devem
Como em leilaõ vender-se, e quanto antes
Que o tempo foge sem olhar a nada:
Mui breve é meu discurso, e rogo á sucia
Na minha opiniaõ queira ajudar-me. »

O longo queixo despejando fóra
Dos hombros da gravata entumecida,
Que a fazer-lhe negaças ás orelhas
Todo o dia se estafa brincalhona,
O brazileiro Placido a quem toca
A vez de discorrer sobre a materia
Com pauza de moleque, e voz de cabra
O estudado discurso assim começa
Com gestos de merú a pôr na rua:

« De nenhum dos *eximios* oradores,
Que primeiro fallou, approvar posso
A tosca opiniaõ, e o rude senso;
Se de tal modo obrassemos, devia
A' casa dos orates em Lisboa,
Por honra, e por dever a nossa praça

Mandar-nos amarrados; d'essa sorte
Era fazer d'aqui d'este recinto
Taberna de leilões » (sussurro immenso!)
« Era querer, que todos começassem
Disputando uma a uma acalorados
A venda das commendas; inda avanço
Um passo mais, era fazer, que ás unhas
Viessem uns c'os outros; » (vozes surdas!)
« Mas senhores naõ julguem meu discurso
Sem ver-lhe o limpo rabo: eu tambem voto,
Que as commendas se vendam; d'outro modo
Naõ sei como podesse o prezidente
Pingar na *mão de ferro* algum dinheiro.
Sim, meus senhores, voto pela venda;
Mas d'uma outra maneira mais cordata,
Mais limpa, mais honrosa, e mais decente. »

« Qual é, qual é? » perguntam varias vozes.

« Qual é? eu franco digo: é que das quatro,
« Como sendo uma só, se faça a venda,
« E que este por direito depois possa
« Em socego vendê-las, ou guardá-las. »

Foi tal a vozeria, tal a bulha,
Que a turba despejou n-este momento
Desapprovando o parecer do bicho,
Qu'a estante immobil, que na sala mostra
Da barra o movimento, atarantada
Os verdes livros atirou a terra!
E o gran'Ferreira Borges, que em retrato
Per sobre a porta pende, de medroso
A cabeça occultou na longa tóga!

A côr perdida, os olhos quasi sangue,
Tocando, e retocando a campainha,
O triste Van-Zeller no magro peito
Os cançados pulmões pondo em desordem
« Ordem, ordem »—bradava; mas coitado
Quanto mais s'estafava, mais os bestas
Ao longo riso longo panno davam!

Qual, depois de tormenta aterradora,
O mar, como cançado, se reclina
Nas duras pedras a affagar os buzios,
Sem á praia estender um verde braço;
Tendo ha pouco em furor longinqua nuvem,

Que librada no ar sonhava amores,
Arrancado do ceu, e confundido
C'o pezo enorme da alvejante espádoa,
E rábido cuspido a branca espuma
No recamado ceu, que lhe surria;
Assim a multidão d'envergonhada
Sem murmurar palavra se sentava
Nos bancos, sem pedir (honra lhes seja!)
Ao Placido perdão por tal affronta.
De marcar o relogio teve tempo
Um quarto d'hora, em quanto assim esteve
Calada a sucia d'oradores doutos.
O prezidente vendo tudo á ordem,
« Senhor barão de Massarellos, póde
Fallar (lhe diz) sobre a materia agora. »

Em fraque esbelto de custoso panno,
D'azuis lunetas sobre a penca postas,
Quem é o figurão côr de presunto,
Que se levanta? Ah! sim, já sei, é elle,
O velho calafate d'embreadas
Calças de lona, que per vís serviços
Chegou a barão ser da nobre raça
De Severim de Souza! ah! sim é elle,

Da regateira da Ribeira filho,
Honra da patria e de seu berço honra!
Que vai fallar agora; esse que o nome
Pomposo de barão de Massarellos
(Para mostrar ao mundo, que de gente
De *massa-réles* desce) usa vaidoso. —

« Pensando na questão com madureza »
Assim começa o bicho em tom pesado,
As tumidas bochechas infunando;
« Voto, que a venda das commendas deve
Per via do ministro concertar-se.
Senhores, eu m'explico, esse ministro
Honrado, e douto, que nos fez presente. . . »

« Attenção, attenção, caros senhores »
(O presidente da cadeira pede.)

« Da venda das commendas, é amigo
Da nossa praça; eu sei, e do bom vinho,
Que aó padre Marcos de Roriz envio
Todos os mezes, puro tal qual sempre
Me honrei de possuir na minha quinta,
D'onde por não faltar agora chego:

Vinho que a fama nos paizes cultos,
Taes como França, Dinamarca, e Russia,
Sem fallar da cholerica Inglaterra,
Paiz de borrachões sempre habitado,
Não cessa d'exaltar por excellente,
Do Porto ao vinho nome eterno dando;
E que eu contrabandista experto faço,
Untando as mãos ao director *honrado*,
D'alfandega, passar por geropiga,
Revertendo em proveito meu e d'elle,
D'esta sorte o direito, que devêra
Ao estado pagar em bom dinheiro...
Mas voltando á questão, como dizia,
Voto que ao duque com resposta nossa
Agradecendo seu favor, e a honra,
Que bondoso nos fez, se re-enviem
As quatro cruzes com modestia grave,
Pedindo-lhe a mercê de conferí-las
A'quelles, que julgar em seu bestunto,
Mais capazes por honra, e por serviços,
Ficando-nos a nós salvo o direito
De em Lisboa arranjar empenhos fortes,
Per meio de dinheiro para elle. »

Sem pedir a palavra, interrompendo
O barão orador, assim exclama
O pardo lorpa Guimarães e Silva,
Da raza cara, e do nariz de corvo
Mostrando ao vivo as contorsoens incriveis:

« E' asneira quadrada isso que avança
O senhor Massarellos, é sandice
Mandar ao duque novamente as cruzes;
Elle quer cruzes mas em dobras d'oiro:
Por tanto voto, que se faça a venda
Aqui sem mais delonga: eu quero duas;
Uma por ser tenente sempre prompto
A quanto me mandarem fazer tudo,
E a outra porque dei com mão profusa
Para a catana d'oiro a minha prata:
Estou n-isto seguro, e se é preciso,
Para paga-las, vou vender o vinho,
Que possuo de meu, e dos credores. »

Gargalhada geral, apenas disse
Estas palavras, retumbou fervente
Per toda a sala das carinhas todas.
Enfurecido então por esta affronta

Tal patada soltou no pavimento,
Que a nova Praça estremeceu de medo,
Como se fôra de corisco ardente
Atravessada a grave columnata,
Que o tecto de calhau sustenta firme;
E o mestre espavorido ao tremor surdo
De joelhos no chão, e mãos erguidas
A rezar a *magnificat* se prostra.

O Van-Zeller, que attento víra a bulha,
Julgando bem melhor pôr termo á festa
Do que vê-los assim encarniçados,
Temendo, como o Placido dissera,
Que viessem ás unhas uns c'os outros,
E vendo que de todos os discursos
O que mais com seu voto concordava,
Por tirar-lhe o afan d'apregoá-las,
Era o do *massa-réles*, toma a lente,
Que em negra fita do pescoço desce,
E fitando-a na turma assim s'explica:

« E' na verdade o parecer agudo,
Que o inclyto barão ha pouco disse,
O mais sagaz, melhor, e mais cordato

De quantos tenho ouvido em minha vida!
Aquella nuca, olhai, devêra erguida,
Longe do corpo, sobre um ferreo poste
Dos futuros heroes da nossa terra
Com chistosos baldoens ser venerada
Como o modelo d'esperteza, e genio!
Eu voto em quanto disse, e sempre, sempre,
Em quanto assim fallar, votarei prompto.
Desde já o famoso secretario
Castro Silva, e Barboza guarda-livros
Desta sala se vão a pôr em obra,
Em legiveis extensos caracteres,
A carta (redigida em frase bronca)
Para o duque ministro, e tambem rogo,
Que além d'essa redijam p'ra Rainha
Outra carta vaidosa em que eu assigne. »

« Apoiado, apoiado »
O Castro Silva,
Vendo que todos concordavam n-isto,
Toma a penna nas unhas, e o Barboza
C'o tinteiro nas mãos o segue logo.

Em quanto as cartas na contigua sala

Fabricavam os dous, começam estes
Escovando a memoria a vêr quem tinham,
Que podesse servir-lhes em Lisboa.
« Oitocentos mil reis » dizia o Braga
« Vou fazer entregar ao guarda-roupa
Do duque da Terceira » : o Santos Silva
Os poucos pellos que na nuca crescem
Fazendo convergir ao centro calvo,
« Um conto vou mandar » dizia affoito
« Do Saldanha ao copeiro ; é quem me póde
D'esta feita servir » : em rubro lenço
Um carro de tabaco aposentando,
Que da penca nas fossas lhe mordia,
O pançudo Ferreira a voz de *basso*
« Pois eu dou só tresentos em sonante »
Dizia transportando para tiple.
« Isso é pouco » : franzindo as sobrancelhas
Lhe tornava o Albino, « eu dou seiscentos
Na mesma especie sem desconto ou notas. »
« E' demais, é demais » além berrava
O Souza Guimarães himpando o ventre.
O Placido gritava « eu quero as quatro. »
« E' justo » replicava o Azevedo
« Tem mais d'um corno, tambem quer mais que uma. »

Assim tres horas sem sentir trataram
Das peitas, e dos preços das commendas;
E inda mais passariam, se ringindo
A porta não mostrasse o Castro Silva
Em mangas de camiza, acarretando
As fulas cartas em papel de vara.
« A leitura! a leitura! » berra a sucia.

Nos biquinhos dos pés garganteando
O joven Castro sem pavor encéta
A leitura, pedindo *in primo loco*
Com attenção observem, e lhe notem
Alguma fráse mal cunhada, ou baixa.

Já no meio corria á rédea solta
Sem folego siquer tomar nas ventas,
Quando o Monteiro em voz grave e sisuda
Lhe nota esta passagem — *tem cabido*
O lisongeiro desvanecimento —
« Sim » lhe volve o Castro « é lisongeiro. »

« Não entendo; mas se é continuemos. »

Qual undivaga náu abrindo ao vento

As pandas velas se desliza branda,
Fendendo os escarceus, rompendo as vagas;
Assim o Castro Silva empavonado
Por ter vencido aquelle apressa *os termos*,
Que não póde attingir; até que pára
Ao som confuso da algazarra insana,
Que o obeso barão d'Alpendurada
Fazia, ao vêr que a carta castiçada
Pelo Barboza, e Castro p'ra Rainha
Era porca, e mui porca por pedir-lhe,
Que o *trabalho pesado da partilha*
Bondosa lhes tirasse.
« Isso é de bêsta.
Ou de quem nunca pôz nos regios paços
A solla dos botins; (dizia ufano.)
Que vos tire o trabalho, quando ordena
A Magestade que se faça a venda?!
Se ella manda matar, mata-se logo.
Se ella manda chorar, compram-se choros.
Jámais d'encontro ás ordens do seu MANDO
Se faz coisa qualquer, inda a mais leve.
Como o rebelde, outr'ora prezidente,
Ou vice-prezidente d'essa junta,
Que Portugal adora, não queiramos

Na crize das commendas comportar-nos:
Eu, que nos paços da paterna caza
Do mais illustre ramo *pendurada*,
Por tronco forte de varões illustres,
Nasci, qual porco no palheiro immundo,
E logo em verdes annos na espadella
D'azurracha alugada m'ensinaram
Com muito pontapé a ser matreiro,
Posso fallar do paço, e seus costumes.
Não se deve pedir, devem tirar-se
As frazes, que notei, e com rodeios
Fazer-lhe conhecer, que não poderam
Dividir entre tantos as commendas. »

« Muito bem, muito bem; tire-se a fraze. »
Foi o som, que soltou toda a canalha.

Riscada em continente re-começa
A leitura o Castrinho, e vento em pôpa
Lá vai até ao fim, sem mais defeito
A turba lhe notar.
« Agora leia
Barboza a carta para o duque *inviclo*: »
Ordena o Van-Zeller.

Tremendo o triste
Começa a lêr a medo as palavrinhas,
Que com suor bastante alli posera,
Julgando que tambem lhe tocaria
A sorte, que tivera a lida carta.
Mas oh pasmo! oh terror! falham-me nomes
Com que possa mostrar, ou dar ao menos
Uma ideia siquer da matinada,
Que approvando fizera a bruta corja!
Qual nos braços o toma, qual lhe beija
A gorda face, qual lh'aperta a dextra,
Sem deixá-lo em socego um só instante:
Té o mesmo Barreira, que dormindo
Toda a sessão passára, se levanta
Para fazer-lhe, quanto os mais fizeram.

« Agora meus senhores tomem pennas
E venham assignar. » O presidente,
Que durante a questão sempre tivera
Pegado o cú ás calças, ordenava
Com voz de capitão, por vêr que longe
Já hia a trovoada. Todos juntos
Sem decencia qualquer se precipitam
Sobre a meza opprimida, quaes galegos

Que ao *sciu* já conhecido, como galgos
Para chegar primeiro ao ponto dado,
Correndo, e transudando se desunham;
E borratão aqui, alli mascarra
Em largo e raso os nomes esgadanham
Nas fulas cartas, que o Barboza toma
A cargo seu fechar, e pôr-lhe lacre;
Em quanto a sucia cabisbaixa, e muda
Transpondo a verde porta bipartida
S'escôa pensativa pela rua.

AS COMMENDAS.

CANTO QUARTO.

FINDÁRA a gran' sessão, sem que algum d'elles
Do trabalho, que teve, houvesse o pago;
E tristes como a sombra d'um sepulcro
A caza se recolhem, desprezando
N-esse dia o café, e as espeluncas,
Que tão gratas lhes foram, só por irem

Do mais fundo da burra, á luz mortiça,
Arrancar o dinheiro, que deviam
A Lisboa mandar para poderem
O nobre encargo obter d'uma commenda.

Entre tantos tristonhos um alegre
O caminho deixava da morada
De gosos solitaria, onde a virtude
Na pobreza s'esconde, e vagaroso
A caza, ou antes cova de rapina,
Do audaz barão dos *asnos* demandava.

Alli, do mesmo modo que na tarde
Antecedente esteve a vêr vestir-se
Com trajes seus o pobre do Barreira,
Estava o basulaque recostado
Na estoffada poltrona; onde dormindo
Em sonhos lhe apparece um negro corvo
Da garra adunca desprendendo ao largo
Um horrido painel, em que lhe punha
Patente aos olhos d'alma quantos roubos
Fizera, e quantas forcas merecia.
Dizendo-lhe em seguida « Acaso podes
Tu, misero mortal, ser tão ditoso,

Sendo tão bruto e tão ladrão, que tenhas
Um só momento de socego ou folga
N-esta vida mesquinha? acaso pensas
Que um dia não virá — não muito longe —
Em que teus crimes bem punidos sejam?
Ah! pensa, desgraçado, vê, que o trilho,
Que assim pizas afoito, ha-de tornar-se
Escabroso, e difficil, e que embora
Mimoso te pareça, se prosegues
O pricipicio ao fim tem de sorver-te. »

Com tal vista atterrado, e com taes frazes
O estupido barão rojava o corpo
Sobre a meza, e poltrona por livrar-se
Da sombra do demonio, que viera
Sob a fórma de corvo apresentar-lhe
A mostra de seus dias no futuro;
Quando placido a sala o bom Barreira
Entrava vagaroso, contemplando
A carranca da besta inda dormente
Dentadas dando no vazio espaço,
Como se o negro corvo alli pairasse.

« Que tem, snr. barão, que assim s'estafa?

Que é? (lhe diz chegando-se,) algum sonho
Ou pesadêlo mau lhe opprime o peito? »

A tal voz acordando se levanta
Arrebatado, e vendo face a face
Um homem tal qual elle atraz recúa
Atterrado, confuso, e vacillante,
Pensando que a visão maldita e feia
Do corvo em seu igual se transformára.

« Que tem? que tem senhor, que de mim foge?
Não sou acaso o mesmo, que esta noite
Apertou em seus braços, e que teve
De tocar-lhe na dextra a honra immensa?
A quem rogou, com reverencia o digo,
Que magestoso entrasse a grande sala
Da discussão? a quem n-uma palavra
D'encher o seu lugar pediu ha pouco?
Ah! mas este chinó crespo e felpudo
A cabeça me fere: » e arroja fóra
O mimo paternal, que o filho tinha
Com esmero guardado, bruscamente;
Ficando a calva propria a vêr o tecto.

Com este movimento, e não co'as frazes,
Que em vão gastára, quantas mais dissera,
Reconhece o barão a obra sua;
E com voz de trovão despido o medo
Do sonho, que passára, assim começa
Altivo interrogando o pobre velho:

« Então que se fez lá? tudo me conta:
Venderam-se as commendas? deram muito?
Fallaste em meu logar? tiveste asneira
Que aos olhos te saltasse, e que aggrediste,
Como se eu mesmo fôra, com denodo:
Ah! tudo, tudo sem delongas diz-me. »

« Nada d'isso senhor; não se venderam
As commendas, que diz, e que não pude
(O Barreira responde) vêr lá hoje:
Apenas uns com outros em conversa
Fallaram na questão da venda, e preço,
Como amigos que são, sem muito enfado;
Mas senhor, o que digo, eu lhe confesso,
Não foi, que elles dize-lo, eu lá ouvisse,
Foi cá fóra o Barboza meu amigo,
Quem tudo me contou; porque lá dentro

O fallar de tal gente, e o ter passado
Sem pôr olho um momento a noite d'hontem
Me obrigou a domir... »

« Dormir! tu dizes? »
Chispando a raiva pelos olhos longos,
E a voz guindando do pulmão horribil
Exclama o barão *fresco* em tom do inferno:
« Acaso tu, ó velho, infame e louco
Por bruto, e dorminhoco ante essa turma
Me fizeste passar? é impossibil
Dormir?... não posso crêr! dormir disseste?
Porem se (com certeza hei-de sabe-lo)
Tal acção commetteste em menosprezo
Da honra, que me adorna — bem fundada —
O premio t'hei-de dar; has-de pagar-m'o
Caro, e bem caro; ou meu illustre nome
Da terra ha-de sumir-se! O teu emprego
Suspenso fica desde já, e emtanto
Com o duque esforçar-me eu vou por dar-te
Com infamia o decreto dimittente;
Não posso vêr-te mais, foge a meus olhos,
Deixa, que eu scisme a sós na torpe mancha,
Que vil lançaste em minha fama e nome,
E que arranque á força do mais fundo beco

Da raiva e desespero o melhor modo
De teu corpo esmagar, sorver teus dias. »

De lagrimas nos olhos e contricto
« Perdão, senhor, perdão » diz o Barreira.

« Perdão me pedes tu, ó velho parvo?
Não conheces perverso, que não posso,
Nem devo, perdoar tão vil excesso?
Não sabes, que essas lagrimas, que vertes,
A consciencia audaz não humedecem?
Retira-te d'aqui senão da sanha,
Que rapida me rala, só a morte
Póde vir resgatar teu corpo imbelle. »

Assim, acceso em ira, o barão falla
Ao triste velho, que medindo a força
De taes palavras, com afflicto pranto
O deixa só, e vai maldiçoando
O momento fatal, em que á lembrança
Do *Zé das-graças* o servir-se d'elle
Viera p'ra cumprir tão grande empreza;
E o somno que tivera, e com mil pragas
Maldizendo o barão, que lhe arrancava

Da familia o sustento com o emprego.

Em quanto alli taes scenas se passavam,
Entrava o Van-Zeller a nobre casa
Dos Godos fundação, ou dos Romanos,
Que o berço deu a mil egregios nomes;
E um pouco descançando despachava
Um moço a convidar os seus amigos
A vir tomarem chá: d'esta maneira
Pagando-lhe o jantar, que lhes devia;
Dizendo ao mesmo tempo que em seguida
A questão das commendas tinha o posto.
Durante o espaço que gastára o servo
A cumprir vagaroso tal mandado,
A sorte bem-dizendo assim começa,
Ao seu contentamento abrindo campo,
O fôfo Van-Zeller: « O' tu, fortuna,
Tão pifia a meus avôs e a mim tão grata
Lá na casa do ceu, aonde existes,
Recolhe, eu te supplico, com doçura,
Do goso, que me ferve dentro n-alma,
Os votos mais solemnes e mais puros;
E' tal o meu prazer, é tal o gosto,
Que os arcanos do peito me traspassa

Ao vêr-me conselheiro, que não tenho
Palavras, com que o diga — Oh! nem de leve!
Cheguei, cheguei emfim a ter um nome,
Que desse lustre ao meu, ha tanto buzio;
Sou velho, e mesmo assim, embora zunam
Esses vìs cubiçosos, a quem rala
Meu altivo lugar, hei-d'inda um dia
Com teu favor, fortuna, sobre a porta
Ter d'armas um brazão; hei-de ser *grande*,
Ministro da corôa, e do thesouro
Sobre tudo, eu te rogo, que me faças,
Barão, visconde, ou conde; e assim dizendo
Os joelhos curvava no sobrado,
E as mãos, que o pranto banha, ao ceu estende.

Entrava a este tempo a nobre sala
(Primeiro que nenhum dos convidados)
O inclito barão de Massarellos,
A quem amplo calexe, que já víra
No Porto a Viriato, e que a donzella
De Gaya namorára, sendo idoso;
Comprado aos vendilhões de ferros velhos
Para ostentar com elle um berço illustre
Aos miseros papalvos, que não sabem,

Arrastára pezado em curso breve:
E vendo assim prostrado o seu amigo
Sem saber a razão, que ao conselheiro
Fazia ser beato, a voz eleva
E em termos de fidalgo assim s'explica:

« Que tendes meu amigo? vós em terra
Prostrado em oração! qual é a cauza,
Que a isso vos compelle a estas horas?
Quando entrava o portão senti uns gritos;
Mas julguei na taberna aqui visinha
Por ebrios jogadores serem dados;
Se á mente me occorresse, que podiam
Sahir de vossa casa, e de vós mesmo!
Eu galgára n-um pulo a soccorrer-vos:
Mas que tendes? dizei-me, foi a nova
D'algum devedor vosso haver quebrado?
Ou de ser-vos de novo arrebatada
A carta de conselho que vos honra? »

Absorto o Van-Zeller com os transportes
Dos desejos, que n-alma lhe pulavam
Em viva cachoeira, não sentíra
A entrada do barão; mas quando os olhos

Sobre o lado volveu, e viu tão perto,
Quem assim lhe fallava, se levanta
Confuso, envergonhado, e com as faces
Da côr do rabo que a cinoura cria;
E o goso, que tivera tão altivo,
Parodiando em susto lhe responde:

« Nada, amigo, não foi nova de quebra
D'algum devedor meu: nem foi tão pouco
O temor de me ser arrebatado
(O que Deus não permitta!) o cargo honroso
De *nobre* conselheiro; foi sómente
Ao sentir um tremor, que agora teve
Esta caza já velha, mas illustre,
Julgar que vinha a terra e m'esmagava
Sem deixar-me gosar mais que este dia
Do meu suberbo titulo; mas graças
A Deus nosso Senhor que já vai longe
O susto, que apanhei, ficando ainda
Com vida p'ra gostar-lhe o doce fruto. »

N-este passo o barão de *fresca-data*,
Que a causa víra de temor tão grande
No rodar do calexe, em que viera,

Impondo-se solemne, qual no palco
O De-Bezzi mais novo, quando sôlta
Horriveis guinchos, a que chamam notas,
Que o espaço rasgando vem d'encontro
Ao triste espectador, e lhe espedaça
Ouvidos, coração, sentido e alma;
Assim lhe aclára a cauza, que obrigára
As paredes da caza a ter sentido
Tamanhas comichoens, tamanho abalo,
Que julgasse revolto o firmamento,
E da terra o governo em mãos de Judas:

« Ah! quanto s'enganou! quanta tristeza
De mim s'appossa agora conhecendo
Que dei eu só a causa a tanto medo,
Que tão fatal seria, senão fôra,
Como foi, passageiro: eu lhe descubro
A razão do tremor: o meu calexe,
Que herdei soberbo de meus pais *honrados*,
Foi quem me trouxe aqui, e quando junto
Da casa sua bem sentí cossá-lo,
Como o passo é estreito, na parede,
Que tremeu com o embate = *írra que móle!* =
Julgo ser a razão, não haver outra. »

Contente o Van-Zeller responde logo
« Sim, senhor, é provavel » — e, sorrindo
Com fingida vergonha, s'enfunava
De ver-se d'esta sorte livre e quite
Do barão importuno, inda que fôra
De tão baixa maneira, e tão indigna.

No fim d'esta palestra tão risonha,
E tão propria a cantar-se em chulo verso,
Mais e mais que este meu ás vezes sério,
Entrando começava a pouco e pouco,
A turba dos *honrados* directores,
Já da porta lançando sobre a meza
A vista, que procura o chá e os doces. . . .

Socega, o' muza minha, em paz os deixa
Embebidos no chá, se chá tomaram;
Vai por hoje no leito, que te guardo,
Um pouco descançar: com novo alento
Na seguinte manhã virás contar-me,
Banhado todo em fél teu pobre verso,
O resto da questão: se concordaram
Mandar a espada d'ouro, e qual a causa

Que tudo fez volver, e os pobres bestas
Sem dinheiro ficar e sem commendas!

AS COMMENDAS.

CANTO QUINTO.

Inda brando, e mimoso o somno dava
Repouso aos olhos meus, e ao meu cansaço,
E já no tardo curso o terreo globo
A maritima face ao sol volvia,
Que entre a culta — antes curta — Europa velha,
E a nova e longa America s'estende.

Então tempo julgando d'obrigar-me
Dos braços de morpheu a vir ao dia,
Negra pulga infernal per entre a palha,
Que a magra enxerga nutre, sacudindo
Os cabellos da cauda, e a longa crina,
Que o nutrido cachaço lhe cubria,
Vigorosa erriçando, a mim avança;
E junto ao coração, que socegado
A compasso oscillava, vem poisar-se.
Tal pezo não senti, oh dôr! oh mágoa!
Mas, ái pobre de mim, altiva dando
Por vèr o meu descanço agudo estálo
Com a tromba no ar audaz m'a encrava
Atravez das costellas descarnadas
Quasi, quasi do peito no mais fundo.
Horribil dôr então meu debil corpo
Com força tal passou, que até no cranco
Do cabello a raiz ficou tremendo.
Gemi desesperado, e furioso,
Buscando em vão no peito a negra fera
Só topo a funda chaga, e sobre o leito
Brincando c'os anneis da longa trança
A muza minha encaro, que sorrindo
D'esta sorte me falla e me allivia:

« Não temas, meu rapaz, do sangue a perda;
Inda quente ao tinteiro o solto deita;
Mais brilhante com elle a tinta fica:
Nada vale uma dôr se logo passa:
Que encontra no viver o bruto, ou sabio
Mais que penas, e dôr, e soffrimento?
A f'rida eu vou curar-te, e mãos á obra —
Nada vale sem fim o teu poema. »

Taes vozes proferindo o sangue estanca,
E c'um beijo da chaga os labios sella.

Voltado assim á vida vou sentar-me
A' podre banca, onde meus dias gasto
Em estudo contínuo, e muitas vezes
Noites, e noites sem dormir perpasso,
Para ouvir a causal, que trantornára
Das commendas a venda, e nos fizera
Ter d'Esopo o ratinho em nossos dias.

Longos dias passaram vagarosos
Sobre nossas cabeças, sem que emtanto
Resposta alguma do ministro-duque
Alegrasse os *honrados* directores

Co'a nova da remessa, ou pelo menos
Fazendo-lhes saber que recebera,
Per mão de seus agentes, o dinheiro;
Tal era a confusão, que entre os ministros
Com assumpto tão grave se renhia!
Todos querem ter parte, e não se apromptam
A assignar os decretos, sem na bolsa
Lhe tinir o quinhão, que lhes tocava:
Affrontado com isto o duque jura
Vingar nos seus collegas, e nos bestas
Comendo-lhe o dinheiro, tal perfidia;
Busca o paço afanoso, e com lamurias
Vai aos pés da sob'rana apresentar-se
Rogando a demissão dos tres ministros
(Que do dinheiro a quóta requeriam)
Por vís, e á *nobre cauza* desaffectos.

Não póde ella sem dôr vêr taes queixumes,
E as lagrimas pendentes, e os suspiros
Que a voz cortavam triste ao seu valído,
Que tão grandes serviços lhe tem feito.
Pede-lhe os nomes tres, que quer expulsos,
E os tres que o vago posto honrar deviam.

Não tarda elle um instante em dar-lhe prompto
Do Proença, Falcão, e velho Francos
Os titulos e nomes, juntamente
Os de Lapa, Sá Vargas, Lopes Branco
Para o logar tomarem, que dizia,
Com mais nobreza espera, que comprissem.

Assim é o governo! corre a nova
Da rapida mudança de ministros
Sem saber-se a razão — ficam pasmados
Os povos e os monarchas do Universo!
Oh! quanto pode de roubar o genio!
Foge o mundo do eixo, o mar suspende
O torvo remecher das crespas vagas,
Descança o vento da contínua lida,
Em mil bocados os suberbos Andes
S'escondem no Pacifico, aos mergulhos,
E o tremendo Hymalaia, que segura
O ceu com a cabeça, e com as patas
O inferno esmaga no profundo abysmo,
Treme d'espanto, de pavor e medo;
E o proprio Deus no ceu embasbacado
Comtempla a terra sua, a quem doára
As quinas por divisa, e desconhece-a.

Deixam os astros do solar systema
Com a noticia o curso das ellipses,
E acercam-se de nós, vem vêr de perto
Todos *calítas* o terraqueo globo:
Na frente o gordo Jupiter caminha
Com a lua de braço, vem seguindo
Atraz d'este apressado o sol brilhante,
Que o centro deixa onde ha mil sec'los vive;
Vem Marte, vem Uranio, vem Mercurio,
E no couce da festa vagaroso
Saturno pela mão da linda Venus
Tambem se nos presenta: nada fica
De tudo, quanto o ceu no bôjo encerra,
Que deixe de volver á terra as ventas.
Então pasmou, quanto mortal vejeta
D'um pólo a outro pólo conhecendo,
Que tambem nos planetas ha orgulho!
E os astronomos pavidos retiram
Dos telescopios-monstros os cançados
Olhos, que outr'ora de Saturno em volta
Satellites julgaram em bacia,
E vem vêr mui de perto a olho claro,
Que não eram satellites; mas eram
Pendentes do pescoço do planeta.

Per largas fitas de vistosas côres
As quatro cruzes das commendas nossas
D'aviz, da conceição, de christo, e espada.

Chegou tambem em fim ao velho Porto,
Onde é fama nasceu do Luso o reino
A nova inesperada: tudo ferve
Com gosto ou com tristeza em toda parte;
Uns correm a abraçar-se, outros sombrios
Taciturnos, medrosos, e covardes
Nem ao dia siquer mostram a face.
Para estes meu cantar é fero e duro,
Para estes que trotando se procuram,
Quando a noite dos ceus toldou o rosto
C'os vestidos de luto negrejantes,
Os pezames a darem-se, e vão juntos
Do Van-Zeller á caza azafamados
Mostrar o seu pezar, a dôr amarga,
Que nova tal no peito lhes calára.
Para estes que o cantor do bello Hyssope
Se vivera hoje em dia em pulcros versos
Guindára além do sol, além da esfera;
Ou tu, o' gran' Macedo, o' nedio padre,
Que em aspero cantar levaste aos astros,

Com satyra mordaz de fél envolta,
Os burros de Lisboa — os grandes burros.
Mas embora de fero alcunhe o verso,
Quem dentro da medida o vate enxerta
Com mão segura, e lá lhe açoita o dorso
Com látego feroz, como no circo
O potro, que rebelde ao passo foge,
E de raiva espumando ao ar atira
Entre o rijo nitrido a molle terra,
E' do audaz picador azorragado.
Embora... embora sim! que um peito luso
Jámais o cenho do impostor infame
Respeitoso acatou, jámais a face
Altiva de saber curvou medroso,
Quem o trilho do monte aos vates dado
Affoito piza, e pelas mãos do genio
Ao cume excelso pela vez primeira
Levado fôra, a lhe gosar o encanto.

Mas deixemos, que vil s'estorça o triste
Em átra confusão seu nome vendo
A pár ligado da sevicia sua
Nos versos meus. Corrámos com a vista
O magro beco onde em montão se juntam,

Se esbarram, se confundem, se agglomeram
Os directores, e com elles vamos
Até á sala, em que tiveram juntos
(Mais contentes que agora) a prima nova
Da venda em praça das commendas quatro.

E' triste e magestoso, é agro e bello
O irado aspeito de tão rudes frontes
Em torno á meza a conversar sombrios
Na *solida* questão, que os dilacera.

O' estro, ó muza minha com teus mimos
(Que já cançada a mente s'evapora)
Soccorre o meu ingenho, affaga e molha
Em torrente caudal do fel mais acre
Minha penna e cabeça: ah corre, corre
A dictar-me palavras, com que erguido
Meu canto ao sabio mostre, ao rico, ao pobre
A tristeza, o furor, a sanha, os ditos,
Que em rixa tal saltou aos directores:
Como livida a face, a boca negra,
Sangue nos olhos, no toutiço estacas,
Tomando d'empreitada a pura fraze
Da lingua portugueza — da formosa

Lingua do Lacio a mais mimosa filha —
O gallego Casaes s'explica aos outros.

« Será verdade acaso meus amigos
A nova da mudança, que nos dizem
Per hi as folhas, as terriveis folhas,
Que vezes mil em publico nos lançam
As acções nossas ao geral escarneo?
Será crivel tal sorte a nós tocar-nos?
Porventura o ministro, a quem mandamos
Das estafadas bolsas rico sumo,
Tão vil será? de tanta infamia póde
Um peito portuguez, judeu, ou mouro
Ser acaso dotado? o nosso brio
Ultrage tal em vão póde soffrer-nos?
Eu, que engasgada tinha aqui no peito
De ser commendador doce esperança,
Assim serei burlado? D'esta sorte
Este lado (e dizendo taes palavras
Batia ao coração) sem ter pendente
Larga chapa de prata e diamantes
Póde um instante ao menos ter descanço?
Tão brando sonho d'esperança e gosto,
Tão doce vista d'um futuro egregio,

Tanta delicia, tanto goso... tudo,
Tudo quanto a idea me pintava,
Um só momento poderá roubar-me?
Ah! não, não creio tal; eu que até'gora
Nem uma fraze só soltei da boca
Das commendas ácerca, inda que ondas
Meu desejo fervia, alto confesso,
Que a vida, a honra, tudo... tudo dava
Por ser commendador. Oh! se eu podéra.... »

Aqui saltando o Mozer furioso,
Que mais tempo no peito a crua sanha
Não podia esconder, lhe corta o fio,
E tremendo em furor, dos verdes olhos
Chispando em lavareda a raiva, e o fogo,
Que as entranhas lhe lambe, e as longas ventas
Mais e mais alongando, assim começa:

« Infame esse ministro, infame a nódoa,
Que tanto nos magôa, e mais infame,
Mais vil a hora, em que a tão vil falsario
Tal idea na mente lhe roçára.
Oh! cego d'ira como agora tenho
Este braço, e esta mão se esse perverso,

Que assim nos engodou, visse a meu lado,
Cravava-lhe um punhal fundo, e bem fundo
A traspassar-lhe as fibras uma e uma
Do coração, se coração possue
Quem acção tão perversa, tão indigna
A homens como nós commette ufano,
Depois de a bolça aos pés lhe havermos posto!
Não é a dôr da perda, meus amigos,
Que terribil me rala, que d'est'arte
Me faz feroz fallar; é da vergonha
O ponto mais sublime, é de nós todos
A mancha opprobriosa, que me aguça
Os negros pensamentos, que sanhudos
Em torno da cabeça esvoaçando
Me açoitam as ideas alterosas.
Quem d'oravante d'um ministro póde
Dormir sobre a promessa? embora seja
Senhor, como o Saldanha, do governo,
Das pastas, da rainha, e dos empregos
Se palavra não tem, nem tem vergonha?
Mas ah! que se eu podér, se inda ditoso
Volver um dia, em que das mãos lhe fuja,
Açoitado das vagas populares
O leme da nação, talvez n-essa hora

Cara a cara me veja escarnecendo-o
Cuspir-lhe a face, e sem temor lançar-lhe
Para briga de morte a minha luva:
Talvez, oh ceus! terribil este braço
(Fallando assim parece aos palmos sete,
Que mede o corpo seu, mais um juntar-se.)
Lhe arranque n'um só golpe a vida ignobil:
Talvez de valentão a fama venha
A meus pés arrombar-se: ah! longe, longe
Do mundo exista, quem assim procede... »

Mais ía por diante o monstro horrendo
Das cavas arrancando do imo peito
Injurias ao ministro, quando morno
Na voz e gesto o Van-Zeller, que tinha
Seguro o posto no conselho regio,
Começa a lhes fallar d'esta maneira:

« Razão é, que se offenda, quem de pejo
Um resto inda tiver, que brade iroso
Do pai vendo no filho o nome honrado
Servir d'escarneo e mofa a toda a gente.
Acção tão vergonhosa em minha vida
De certo vêr provada não julgava;

Mas espero, (oxalá me não engane!)
Que as commendas c'o tempo inda hão-de vir-vos.
Nada fórça ao contrario. — Essa mudança
De tres ministros *rectos* por tres outros
Não menos *rectos* nada faz ao caso;
E se comtudo, amigos, muito breve
Não forem remettidas, quem da culpa
Deve, não sendo vós, soffrer o fardo?
Não foi ás vossas mãos, que o sabio duque
As mandou entregar? porque tão asnos
Deixastes vós fugir, o que era vosso,
E que agora pedis? embora todas
N-um dono só ficassem, porventura
Não era mais decente, e mais airoso,
Que ser assim comido, e ser logrado? »

« E' verdade, ai de nós » exclamam todos,
« A culpa nossa foi — bem tolos fomos. »

« Entaõ se tolos sois, porque raivosos
Berrais contra o ministro? Mas ouvi-me,
Que julgo adivinhei ao mal remedio:
Se o tempo as naõ trouxer — naõ longo espaço —
Voto que a espada que fazer mandamos

D'oiro fino de cá — não californeo,
Per um de vós se envie, e s'apresente
A's plantas suas como tenue prova
Do respeito, e do amor, que lhe devemos;
E' crivel, meus amigos, que o ministro
Tal penhor recebendo, sem detença
As cruzes vos remetta — é mui provavel.
Eu penso d'este modo; mas vós outros
Fazei como quizerdes: nada ensina,
Que o passado melhor! este é meu voto. »

Com fallas taes, embora as não sentisse,
Verteu o Van-Zeller nos tristes peitos
D'alegria torrentes tão suaves,
Que todos n-uma voz concordam firmes
Em mandar a Lisboa, ao nobre duque
Como penhor, a espada refulgente:
E sem mais se cançar, contentes dizem
Adeus ao conselheiro, que nas costas
D'elles com dó e com pezar sorria
De tão patáus os vêr, e vão ditosos
(Mandada a rica espada) longos dias
Em vão das cruzes esperar a vinda.

Meu pobre poeminha vais do mundo
Sem um nome no fim soffrer as chufas,
Que os açoitados *por favor* te derem:
No entanto possas tu viçoso sempre
Mostrar aos homens d'honra o vil estado
A que chegou durante o tempo infausto,
Que Maria Segunda o throno teve
O velho Portugal pasmo do mundo!

E se bondosos estes versos lerem
Os homens probos, a quem rogo venia,
Nos ádytos da mente encarquilhada
Deixo materia p'ra voltar de novo
A tratar thema igual com mais *afago*.

FIM.

Eis aqui o meu pobre poeminha — bem pobre em verdade é elle — em ideas, em versos, em fraze — em tudo. — Outra coiza, bem seguro estou eu, que da minha cabeça era quasi inpossibil sahir. Já no pequeno prologo, que o antecede, confessei, que, tal como no primeiro impulso me correu aos bicos da penna, o apresentava a lume; agora confessarei mais o tempo, que me roubou a sua feitura, mesmo para melhor se entenderem algumas pequenas allusões — taes como no verso

Sem fallar da cholerica Inglaterra,

que alguns poderiam criticar, julgando que o author nem de leve conhecia o caracter inglez; pois lhe applicava o epitheto *colerica*, em lugar de *fleugmatica* (que perfeitamente se póde substituir) verdadeiro genio dos incolas d'aquella nação; mas cuja idea me fôra suscitada pelas primeiras noticias, que então chegavam, de ter a colera começado a grassar n-aquelle paiz.

Como dizia: o tempo, que me roubou, foi de 15 a

31 do mez d'Outubro do anno preterito = 1848 = em que compuz os tres primeiros cantos, e quasi todo o mez d'Abril corrente em que o findei com os dous cantos restantes: por esta franca confissão (posso sem temor fazê-la, que o meu nome é occulto) bem póde o leitor vêr, que me não esmerei — que não tinha para isso sufficiente espaço, e que não devia por conseguinte esperar lêr um poema bem trabalhado, mas o fructo d'algumas horas de incorreta tarefa.

Se, como digo no fim, for bem acolhido do publico, espero em breve mimoseá-lo com mais algum pabulo satyrico.

Vale.